

***comunista***  
*poemas*

*Hilan Bensusan*

## 0. Rimas de verdade

O mundo é um punhado de acontecimentos  
e um poema é um entulho de palavras.  
Mas o entulho de palavras  
quer dar abrigo ao mundo,  
gritar com ele,  
fazer acontecimentos,  
como se fosse mundo também.

O punhado de acontecimentos  
se esconde no entulho de palavras.  
Eles se camuflam um no outro,  
fatos parecem estrofes, rimas viram verdades.  
Às vezes parece que podemos dividir  
as palavras e os acontecimentos:  
poemas à esquerda, o mundo à direita.  
Mas basta movermos a cabeça uns centímetros  
e eles misturam. Tudo entra em métrica.

Às vezes, um entulho de palavras cerca as coisas,  
um punhado de acontecimento se veste de palavras.  
Quem vê, vê tudo.  
Ninguém vê sem versos  
porque sem versos  
o mundo parece que ocorre sem direção,  
corre sem rima, rima sem estrofe.  
As palavras usadas seguram as coisas,  
parecem nós cegos, com fios finos,  
e arrebetam com um verso que sopra,  
deixam as coisas escaparem,  
fora da rima.  
É areia que solta das dunas quando bate o vento.

## 1. Feirão de palavras usadas

As palavras nascem na prosa (nos avisos, nos sussurros, nas confissões).  
Ali elas se apóiam umas nas outras,  
como na sociedade  
—cada uma se segura nas entrelinhas.

Nas prosas, ocasiões sociais,  
cheias das coqueterias das vírgulas elegantes,  
dos pontos eloqüentes,  
convidadas de parágrafos bem-comportados,  
as palavras estão sempre de rosto pintado  
e com apenas um leve decote de significado à mostra.  
Ou são meros termos, dentro de ternos;  
imponentes, oficiais, circulando apenas  
em rodas fechadas de casacas e jargão.  
São como pigarros, não sabem o que querem dizer  
entre pilhas de usos e costumes que lhes enfeitam a pronúncia.

Mas nos poemas, elas ficam nuas  
exibem todos os significados que os que por elas exprimiram  
nelas largaram.  
Quando elas estão nuas, elas mostram a cara.

## 2. Versos que circulam

Faço versos de manhã  
quando acordo deslumbrado.  
Alguns versos faço sozinho,  
outros surgem de montão.  
Quando os versos são sozinho  
somem dentro entre os neurônios,  
que correm mais do que os versos  
e que carregam as palavras,  
que andavam todas grudadas  
por uma enorme inspiração,  
pelos cantos da cabeça  
ou as deixa no coração.  
No coração não há nada,  
só veias e barulhos.  
Ficam os versos desmilingüidos  
esperando outros neurônios,  
de outra manhã deslumbrada,  
levarem-nos de volta à casa  
abraçar alguma irmã.  
Os versos que surgem em muitos,  
ponho-os fora no papel;  
pelo Letes corriam neurônios  
e eles arrancam versos da mão.  
Ficam os versos espalhados  
entre os cantos do papel.  
No papel não há nada,  
só tintas e linhas brancas.  
Ficam os versos e seus sentidos  
esperando outros neurônios  
que puxem versos do papel.  
Só assim por fundos sulcos  
eles correm soltos entre idéias,  
viram corpos dentro de almas,  
apontam para gentes, lugares e tempos,  
saem ao léu mas cheios de planos  
vão a passeio de manhã.

### 3. Que coisas são todas as coisas?

*...be the new word  
granted only when sex is taken lightly*  
Carol Rumens

Tudo são talvez desculpas para que haja cheiros.  
Apodrecem tomates, fica querendo aparecer uma flor,  
para os bicos dos passarinhos, seu leite.  
Chego, respiro ares com cheiro,  
varia o alcance dos meus braços,  
às vezes toca tudo,  
às vezes alcança o chão.  
De manhã, quando o céu fica claro como se fosse certeza  
todos os pequenos pássaros parecem iguais.  
Todos pequenos, todos da cor da manhã.  
Os minutos suaves todos amanhecem  
azuis e azul não é nossa testa, nosso osso,  
só o céu, feito apenas de muito nada,  
enorme, de um azul que não chega nunca  
e algumas nuvens, brancas bolhas de quase nada.

4.

Feliz não fico sem luz e sombras,  
quero ter verdade sem me esmagar de certeza;  
equilíbrio e muitos poemas, todos com êxtase, todos picantes,  
nenhum que faça dor.

Muita gente, pressa descansada,  
minha alcova no meio da praça, lotada e sempre de manhã cedo,  
borbulhando já que tudo fica emaranhado, sempre,  
tudo fica sem direção — com direção: é feio destino.  
Sonhos, feitos do que é feita a vigília, e noites nunca interpretadas.

Rodear-me de idéias, que apareçam e se esqueçam,  
como as mixiricas, com sabor, com polpa, sem pompa.

Quero cuidar, quero cuidar e não ter medo  
e não quero jamais dar medo.

Coisas felizes não assustam, ipês sabem bem quando florir  
que a memória e a brisa têm que vir  
como os nossos dedos podem segurar.

## 5. Descomunicação

*Que podemos pensar em um mundo sem pele*

As almas ficam presas entre glóbulos e bugalhos:  
Querem sair. Uma libélula em um apartamento.  
Estraçalha-se nos vidros da janela e mal-entende;  
por que, se há luz, não chego ao céu?  
se há cor não trisco as formas?  
Mas as almas, como libélulas, gorjeiam pela retina  
e a libélula, como uma alma liberta, vê mundo além da janela.

## 6. Fonogrammi, estrelas azuis

Diz-me uma pessoa sem biografia  
que os pensamentos são escravos dos conteúdos.  
São chibatados por temas e idéias,  
amordaçados por objetos, postos a serviço de imagens.  
"Do lado de fora dos seus próprios dias", essa pessoa conta  
que o pensamento quer pular acrobata, deitar ao relento.  
Anda farto de ser sóbrio de sobres.  
Esta pessoa dura menos que um capricho:  
as biografias viciam as cabeças em si mesmas.

*Mas os conteúdos não são feitos de ralas e apodrecidas sensações  
diluídas nas regras sociais e nas idéias comuns de toda a gente?  
Os conteúdos são verdes quando casulam a grama,  
são brancos quando vestem de nuvens,  
são vermelhos quando se enchem de sangue.*

E a pessoa, sem nenhuma biografia, pula na poça de água:  
"Também as coisas verdes, brancas, vermelhas  
vão nas costas dos pensamentos."  
Mas onde fica a grama, o sangue, as nuvens?  
Quer o pensamento deixar as coisas à míngua?

## 7. Ahab e a baleia grande

Pairam entre as gentes mais símbolos vadios que coisas reais.

Ameaçadas por flechas de ícones imensos, envenenadas de sinais,

as coisas, como lagoas onde repousam monstros aterradores,

são impressões vagas e difusas, feitas talvez de paz, talvez de dores,

são poças onde se espelha significação solta.

Todas são sinal de uma coisa e outra e também outra.

Enormes são as coisas mas maiores são seus signos

Em tudo ficam frestas e passam ventos talvez malignos,

nada é firme, todos os sólidos escondem alçapões

que abrigam significados terríveis nos mais ordinários grotões.

As pessoas, visto que tudo disfarça uma imensa escura diástole,

querem só um canto que não seja a ponta aparente de uma catástrofe.



*8. As histórias, todas iguais, se repetem bastante?  
Há sempre gente que pensa que a vida é bem bela  
e depois que ela é terrível?  
Para que tantas estórias?  
Bastaria ao universo um javali devorado na África?*

### **1. Sim**

A natureza, com seu porrete de condão,  
rege teus atos, quer aceites ou não.  
De nada vale fugires dos campos baldios,  
encerrar-te sozinho em quartos vazios,  
ou cercar-te de asfalto, metal e cimento.  
Ela adentra sempre onde entra o vento.

A natureza, com suas *lettres de cachet*,  
está em teus ossos, fezes, pois tudo vê.  
As dores árduas ela inventa e cura  
e deita com teu corpo junto à sepultura.  
Chama os vermes audazes que fazem mofo.  
Destrói o que fez, espera e faz de novo.

A natureza, que governa por decreto,  
tem caprichos, birras e desígnio secreto.  
Quer todas as coisas ao alcance das garras;  
as quer títeres, lacaias ou escravas.  
Carregando pedras, no ombro ou na cabeça;  
para que ela deleite, se enjoje ou se aborreça.

A natureza, indômita soberana cruel,  
mostra-nos verdes largos, frutas e mel.  
Feitos de sangue, cadáveres e destroços;  
penas macias cobrindo secos ossos.  
Ar, luzes, brancas garças - só brutalidade  
Em tudo, paciente, ela guarda temeridade.

A natureza, ditadora caprichosa,  
cria meios sem fins, como a pétala na rosa.  
Pequena folha sinuosa que murcha ou voa  
aparece, balança, fenece, sempre à toa.  
Nem sabe, a astuciosa, o que persegue  
por toda porção de pó a ela entregue

A natureza, rude patroa intolerante,  
distribui fins sem meios. O animal errante,  
perdido entre bestas a comer-lhe a carcaça,  
ela enche da fome que entrega-o a quem passa.  
Mata a mordidas frias, sangra e rói  
E alimenta quem destrói o que destrói.

A natureza é assassina indolente.  
Arranca-te os dias da mão noturnamente.  
Despeja sobre ti novos dias que não queres,  
e neles te afoga um dia, um dia reles.  
Pois ela, a gananciosa proprietária,  
aluga-te horas e as retoma de forma sumária.

A natureza, despótica majestade,  
jamais consulta, receia ou tem piedade.  
Os sonhos grandes mata sempre de um só golpe,  
ou estraçalha sob pretas patas no galope  
de outros sonhos, ralos, fracos, subordinados,  
que são todos os dias pelos músculos executados.

A natureza, intocável mas sempre tirana,  
não explica o que faz, se repete, sempre insana.  
Governa com leis frígidas e estrangeiras  
que esmagam a cada dia criaturas inteiras.  
Surda autoridade, seus dentes não falam: mordem.  
Em silêncio, ela esconde caos atrás da ordem.

A natureza invade, ocupa, espalha o terror.  
Não aceita argumento, arranca o caule e a flor.

É agente secreto em teus foros mais íntimos;  
massacra tuas certezas, teus desejos ínfimos.  
Encurrala o que sentes e nas pedras o mar.  
Dita o que pensas e quando paras de pensar.

A natureza, que vem em hordas visigodas,  
amordaça no tempo tuas pretensões, todas.  
Derrete os continentes, seca as cachoeiras,  
entope-te de vontades ainda que não queiras.  
Enruga a tua pele, desbota todas as tuas idéias.  
Derrete todas as almas, as crentes e as atéias.

A natureza, feita de leis sem justiça,  
tortura seus súditos enquanto seduz, atiça.  
Faz achares belo o que é a tua calamidade,  
cobre os ossos de relva, o horror de tranqüilidade,  
emprega carrascos feitos de horas e metros  
e ordena-lhes que enfeitem de flores os féretros.

A natureza que age de olhos fechados,  
trucida os ossos dos animais assassinados.  
Enlaça as certezas puras nos teus instintos  
e cada dia enfia a tua esperança em labirintos.  
Escraviza-te com desejos que são só dela  
e arranja que sua verde mandíbula aches bela.

A natureza, Richelieu feita de fruta doce,  
inventa o que foi e o que foi faz que não fosse.  
Amarra boas razões em nós de fomes e sedes.  
Onde não atentas ela tece largas redes.  
Põe em teus gens ingredientes incongruentes,  
e larga-te em um planeta ao lado dos teus parentes.

A natureza, uma caudilha inatingível,  
governa o necessário, legisla o possível.  
Despedaça as horas grandes em minutos  
e as enterra para que dêem carne seus frutos.  
Todo o ar que respiras está dela enpestado,

fede seu odor, exala seu cátaro machado.

A natureza, que nunca faz inquérito,  
pune todas as coisas com culpa ou mérito.  
Arrebenta as amarras que antes erigira,  
amassa, massacra, sem que ninguém interfira,  
resseca as folhas, os córregos e a vida.  
Dona da lei, fica solta, nunca é punida.

## **2. Não**

*A natureza, tua morada, tua pele,  
não deixa que fervas, tua mão congele.  
Oferece de toda cor muitos matizes,  
e dá-te remanso, mesmo que não precisas.  
Não cobra pelo tempo, pelo ar ou pelo vento  
que sossegam em teu corpo todo lamento.*

*A natureza, teu sustento generoso,  
faz teus ossos firmes, nariz curioso.  
Descansa teus pensamentos, acuados,  
e de teus desesperos faz dias passados.  
Sempre tem recantos para teus refúgios,  
e admite por muitos anos teus subterfúgios.*

*A natureza, que encontra meios diferentes,  
faz paisagens novas para toda gente,  
inventa embrulhos de gens todos os dias  
e a todos concede algumas regalias.  
A natureza é vento e água e fogo  
e deixa que tudo dure um pouco.*

*A natureza, que consola o que desola  
permite que a pises sempre com tua sola.  
Mesmo em tuas gaiolas, ela floresce  
e se queres que faça, ela obedece  
- deixa que praguejes contra seus frutos*

*e dá tinta pros teus muitos estatutos.*

*A natureza, que não pede só concede  
é tua matéria prima, teu corpo, tua sede.  
É matéria-mãe, tia, netos e sobrinhos  
e para cada vez que não encontras teus ninhos,  
ela faz uma fruta ou erva espasmódica  
e para teus humores dá a tabela periódica.*

*A natureza, de que é feito todo cuidado  
enche o planeta de vale, monte, prado;  
faz o vento pôr fogo de vez em quando  
para que não te apegues ao teu mando.  
A natureza, que nunca te abandona,  
não te esquece, é pastora, nunca é dona.*

*A natureza, alheia a teus mal-tratos  
aceita que digas que é dela os teus fatos,  
decora tua injustiça e tua indiferença  
e te mantém por anos longe da doença;  
ela empresta-te tudo sem cartório  
o ar para que vivas e o jasmim, o acessório.*

*A natureza, que pressente o que não sentes  
deixa que te enganes, sabe que mentes  
tolera tuas ordens e tuas conjecturas  
deixa-te com tuas amarras pela alturas,  
onde voas com tuas asas ela segura  
quando vais ao chão e a insultas, ela atura.*

*A natureza, dedicada à filantropia,  
te enfeita, te distrai e te faz companhia  
é casa sem portas, sem trincos, sem muros  
sem garantias e nem hipotecas, nem juros.  
Põe-te a morar na sacada de uma janela  
sempre aberta. E fica sendo tua sentinela.*

*A natureza, kalakuta universal*

*resiste e invade qualquer poder colonial  
não te impõe fronteiras nem mandamentos  
deixa que penses livre e que nos teus aposentos,  
que tenha sonhos de histórias que duram milênios  
ela te dá o tempo, e oferece oxigênios.*

*A natureza, cenário de quase tudo  
ao teu lado é sempre forma ou conteúdo  
nunca abandona ou esquece qualquer pessoa  
te acompanha quando te ocupas ou estás à toa  
deixa a cabeça pensar e lhe dá uma órbita  
e tempo a varrer qualquer angústia mórbida.*

*A natureza, que sabe de teus segredos,  
está no sangue e no alcance dos teus dedos,  
controla os relógios, reúne as distâncias,  
espalha as espécies e reparte as ignorâncias.  
A natureza nunca deixa nada estrangeira,  
traz ventos íntimos até sem eira nem beira.*

*A natureza, pão, prato, toalha e mesa  
solta o predador mas cuida da presa.  
Ela não se aborrece, não se irrita  
e todo dia brota ou arranja coisa bonita.  
Nunca cansa, a natureza, de te dar ar  
e quando sofres, dá-te água para chorar.*

*A natureza, feita de barro de utopia,  
inventa alternativas verdes a cada dia,  
alheia a tua rotina e surda para as ofensas,  
ela espera quieta nos temas que pensas.  
Sabe que é todo maior que qualquer parte  
e traz para si tudo o que afirma a arte.*

*A natureza, origem de todo estupor,  
faz a ti, teu chão e é teu fio condutor.  
Produz possibilidades mesmo que não vejas  
e deixa crescer mangas perto das tuas igrejas.*

*A natureza que nunca te pede a passagem  
é também o caminho, o comboio e a viagem.*

### **9. Números sem razão: uma szymborskiana sobre um planeta a esmo**

Minha imaginação ainda é ruim com números grandes.

São bilhões;

780 bilhões de dólares gastos com máquinas prontas para matar, com gente pronta para matar,

1000 bilhões gastos por ano para pôr idéias sem raízes dentro das pessoas,

400 bilhões para entontecer e fazer esquecer esses números e como eles sufocam.

E com 40 bilhões, 4 por cento do que acumularam os 225 que acumularam mais, todos nós, os 6 bilhões, teriam água, cereais, saúde e nexo.

## **10. Não conte os favos, nem as melancias ou uma ode que está arrogante com a arrogância**

Toda a culpa esparrama-se apenas sobre ti,  
se procuraste mais do que pode dar a vida:  
uma porção de ar fresco, minúsculos detalhes de paisagens,  
humores grandes demais para nós, com uma só alma,  
minutos dissolvem anos, caminhos mais longos que nossas mãos,  
sombras que trazem luz à penumbra,  
penumbra que faz a luz clarear.

Tu, se ergueste a mão para pegar nas horas,  
não encontraste terra firme,  
ficaste chafurdando nelas para achar tesouros,  
erodindo teus dias.

Tu, se confundiste tua carne alugada com um nome,  
gastaste teus dias com os olhos, teus olhos com cavernas.

Tu, se buscaste ouro feito de massas cinzentas,  
perdeste a terra que era fértil para amoras e melancias.

Ficaste com teus aflitos desejos, impacientes  
e teus medos colossais.

Tu, foste feito de átomos de espelho,  
ou feito de vontades em conserva,  
se esbarraste nos outros ao invés de esperá-los,  
e imaginaste algazarras feitas de implosões dentro do teu peito,  
agora recolhe



teu olhar quilométrico, inventor de horizontes,  
e apenas devolve ao pó a ousada alçada da tua ossada.

### **11. Muita velocidade da vida**

é Rápido demais para mim,  
em breve estou na cova, tudo corre em disparada  
disparada demais - parem tudo,  
ponham cola nos ponteiros, precisamos de mais tempo  
para recordar.

enjôo

enjôo de uma gosma que é sobre o que penso  
e o que lembro - faz dois anos,  
faz dez anos - faz meses, e tudo fica  
uma massa sem ordem e eu já nem sei mais o que sonhei.

Minha mãe viveu e agora são lembranças  
completas, e Rápidas

é Rápido demais para mim,

queria tudo diferente -

e a cova. Talvez não seja o tempo que esteja errado;  
talvez seja todo o resto. Resto?

enjôo

enjôo de lembrar e lembrar de lembrar  
e saber que são todos para serem lembrados  
que tudo corre, passa

Rápido demais, em disparada,

rápido demais para mim, ontem já se foi

e eu mais nunca vejo, a marca de pêra no teclado,  
saudades de tudo,

disparate, disparada, Rápido demais,

enjôo, corre e muda, e a cova, tudo sai, acaba

tudo acaba, quero paz para ficar longe dos minutos  
eles estraçalham - o que há mais?

tudo em galope, estou cansado, me levando para a cova.

Há dois anos, uma música que me fazia atenção

no que havia há dois anos - e hoje presto atenção e já há dois anos

corridos de mim, por uma estrada sem mapa. Vertigem.  
Rápido demais para mim, choro, choro do tempo que passa,  
choro que aquele dia em que eu me senti envolto e protegido,  
não passa mais, mas passam outros dias,  
Rápido demais, quero agarrar meus dias, qualquer dia,  
os dias me arrastam e já tenho que me lembrar de agora,  
já dispara agora e corrói, não sobra nada, turbilhão que não dorme,  
choro enquanto lembro, e já não lembro, é Rápido;  
tudo acaba antes de poder começar e não posso suspirar,  
me escapam os suspiros, vou para cova Rápido,  
queria tempo, e tenho tempo, quero outro tipo de tempo  
—que não passa.

12.

Dias de desobriga sob o sol seco  
Verdeixa, as tripas balançando vazias,  
os pensamentos espremidos pelo sol,  
e por uma enorme terra insólita feita de sal e sujeira de mula.  
A Igreja manda buscar as almas; ele vê apenas luz amarela.  
Esquece a Igreja, lembra do sol.  
Não há espírito santo entre os corpos tórridos -  
às vezes há apenas um prato de maxixes.  
As peles salgadas, os olhos ardidos, as almas magrelas.  
O vigário, escanchado no animal, torto de gasto e ensebado  
na batina melada, se arrancha junto a uma velhusca.

Aquele rosto de rugas vive entre uma panela e hortaliças.  
Ela guarda uma mistela de maxixes cozidos e alguns pecados  
esquecidos.  
Na bruaca têm pão santo - a velhota, de tripa forrada.  
É maxixe ou as hóstias duras; é um dia miudinho.

O padre, feito de uma carne que sabe rezar,  
mastiga a mistela verde  
na qual ele não pensa; mas tragando ele consegue pensar.  
Sai pelo chão apenas com suas preces. Elas, cruas.

### 13. O sol e a tristeza

o sol se põe. ele se põe, vai ver outros cantos da bola  
eu não me ponho, não me ponho em nenhum dia  
estou sempre de frente para as coisas verdes desperdiçadas  
que fazem nossa vida um vale fértil de lágrimas  
os homens espremidos pela falta de dinheiro  
pelo excesso de orgulho, pela vergonha de quase tudo  
as mulheres espremidas pela falta de dinheiro e pela falta de dinheiro dos  
homens  
pelos excessos que fazem o excesso de orgulho dos homens  
e pela vergonha de quase tudo;  
as crianças espremidas por tudo e por todos  
e por terem que deixar de serem crianças.  
eu não me ponho, não me ponho em nenhum dia  
todos, na rua, de cabeça baixa:  
a safra sempre abundante de lágrimas.  
lágrimas ralas, lágrimas para dentro,  
lágrimas que circulam há muito com o sangue.  
E todos, na rua, de cabeça baixa:  
não enxergam nem as árvores altas, altivas  
que não choram, fazem frutas e esperam o tempo certo  
enquanto enfeitam:  
— estou muito triste, e o sol se põe;  
eu acho que é lindo  
é tudo um santuário  
eu queria florescer com cada ipê, queria cair com as folhas.  
queria que não vivéssemos em uma bolha de plástico  
feita de medo.

14.

Um anjo encantado e branco caiu.  
Viu o barro, viu o pó, viu as carnes da cor da matéria.  
Mirou o tempo que passava e os espaços que ficavam cheios  
e, assim de súbito, viu gente, qual pensava que não  
haveria!  
Aquelas criaturas de carnes, feitas de um pó, que parece  
barro,  
ocupam espaço entre pulgas, nascem das bestas que comem,  
pensam de dia, sonham de noite, enrugam-se sempre.  
Sempre se pisam, e matam-se pela generosidade da terra,  
uns envergonham os outros, todos perdem a cor,  
gritam e sentem dor, não crêem em anjos e acabam.  
Coisa assim, feito de terra boa, não podia crer o anjo.  
Fechou seus olhos esculpídos no céu e viu se sonhava.  
Tais criaturas tão inetéreas? Um sonho ensandecido  
de um anjo de espaço murcho sem cheiro nem forma.  
Vai-se o anjo, fora apenas um súbito.  
- Mas ali, nas asas brancas do anjo, que são estes grãos  
de pó?

## 15. O dia em que tudo terminou mais uma vez

Um dia - um santuário na Quinta Feira -  
anoiteceu e morreu Mário Quintana.  
Deitou de sapatos a noite inteira,  
sobre uma eternidade leve e plana.

Um ancião cheio de dias juntou-se ao nada  
do que é feito o pó e pr'onde ele volta.  
Nesta hora três meninas sorviam em disparada  
o ar onde flutua o pó e o nada à sua escolta.

Assim esculpiu o Autor este dia de marfim.  
Numa hora fincou o Homem na terra de vez,  
nessa hora juntou ao êxtase pequenas três.

Um dia que algumas traças-horas  
gulosas devoram e cospem as sobras:  
estilhacos de minutos, e guardam um Fim.

## 16. Trovas mais-que-Tarfônicas

*O dia é curto  
O trabalho imenso  
Os operários indolentes  
O salário considerável  
E o patrão insistente  
Rabi Tarfon, Pirkei Avot*

E o patrão espera.

O dia é fraco  
O trabalho terrível  
Os operários se exaurem  
O salário é deslocado  
E o patrão capataz.

O dia não é grande  
O trabalho alto  
Os operários assimétricos  
O salário rareia  
E o patrão denso.

O dia é atônito  
O trabalho imundo  
Os operários sonham  
O salário esmagador  
E o patrão ambíguo.

O dia é esqualido  
O trabalho desértico  
Os operários cabisbaixos  
O salário é impagável  
E o patrão apenas reclama.

O dia é enrugado  
O trabalho inpensável  
Os operários liquidados  
O salário empalidece  
E o patrão calado.

O dia é ansioso  
O trabalho esmagador  
Os operários se apequenam  
O salário minúsculo  
E o patrão despreocupado.

O dia é pouco

O trabalho largo  
Os operários pequenos  
O salário pobre  
E o patrão infreqüente.

O dia é pálido  
O trabalho inútil  
Os operários conformados  
O salário pinica  
E o patrão aproveita.

O dia é árido  
O trabalho interminável  
Os operários sem saída  
O salário cinza  
E o patrão descansa.

O dia é inútil  
O trabalho pesado  
Os operários cegos  
O salário tonto  
E o patrão ventilado.

O dia é turvo  
O trabalho murmura  
Os operários fenecem  
O salário mal-escrupuloso  
E o patrão, sempre, voraz

O dia é quente  
O trabalho acumulado  
Os operários morrem.

17.

Os meninos da minha escola me pareciam maus.

Mas eram de uma maldade que eu tinha que chamar normal.

Eles não tinham paciência e detestavam tudo que era diferente.

Parecia impossível falar com eles, impossível arrancar-lhes o desprezo.

E eu me espantava de ver que eles, mesmo assim maus, não hesitavam nunca.

Tinham umas certezas automáticas, mas intangíveis. E me disseram que estas eram as certezas normais.

Por muitos anos, tentei concluir o que eles concluíram com poucos anos.

Tentei concluir, que todos eram normais ou inúteis.

Que o que os outros dizem vale mais do que o que eu imagino.

Que quem não faz como os outros, não merece fazer em paz.

Que aquilo que cada um tinha era seu, sagradamente seu.

Nunca conclui nada disto.

(Como é possível, eu pensava, que houvesse tanta lei da selva em uma escola?)

Hoje eu me pergunto onde estão os meninos maus da minha escola.

Eles estão tomando as decisões em nome de muitos outros

e quase todos eles ainda acham que o que tem, é deles, sagradamente deles.

Eles continuam normais e, escondidos assim, parece que continuam maus.

(Como é possível, eu penso, que quem nunca teve que sonhar decida pelos outros?)

Os meninos da minha escola me pareciam cruéis.

Mas eram de uma crueldade que eu tinha que chamar cotidiana.

Eles não tinham empatia e detestavam tudo o que não era deles.

Quase parecia que eles eram todos máquinas programadas.

Mas as máquinas nunca acham que o que fazem está certo.

Aqueles meninos jamais duvidavam de seus programas,



bons e maus alunos tinham todos os padrões como padrões.  
Às vezes eles pareciam militares pequenos, todos tratando a unhas e dentadas  
tudo o que alguém mandava tratar a unhas e dentadas.  
(Como é possível, eu pensava, que uma escola pareça um quartel?)  
Eles tinham o ar de quem sabe, de quem pode, de quem tem.  
Como era fácil, para quase todos, terem aquele ar.  
Era como se fossem feitos de pretensão e empáfia.  
Eram todos jovens e todos sábios.  
Hoje eu me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola.  
Eles hoje são donos, são poderosos, são respeitados.  
Já na escola tinham o instinto de seus privilégios.  
(Como é possível, eu penso, que os mais psicopatas se tornem os mais bem-sucedidos?)

Os meninos da minha escola me pareciam selvagens.  
Mas eram de uma selvageria que eu tinha que chamar ordem.  
Cada um queria cotovelar e exibir tudo o que tinha.  
Aprenderam no berço a morder quem não morde e fugir de quem é grande.  
Aprenderam que quem pode deve poder e quem não pode deve perder.  
E aprenderam tudo isto, lição difícil, sem nunca vacilar, nunca titubear.  
Aprenderam a controlar os outros antes de aprenderem a controlar as mãos.  
Eu, entre eles, procurava o roteiro cheio de minúcias que eles seguiam;  
procurava porque sem o roteiro tudo o que eu fazia parecia muito errado.  
(Como é possível, eu pensava, que estes preguiçosos  
que não conseguem lembrar a data de 1917  
podem lembrar de um roteiro com tantas minúcias?)  
Eu nunca li o roteiro e agora sei que eles todos improvisavam.  
Cada um copiava de quem parecia ter nariz mais levantado.  
Hoje eu me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola.  
Hoje eles educam; eles hoje são exemplos.  
Ainda não desaprenderam a copiar quem é forte ou firme.  
(Como é possível, eu penso, que os que mais imitavam são os mais imitados?)

Os meninos da minha escola me pareciam torpes.  
Mas eram de uma torpeza que eu tinha que achar social.  
Cada um dedicava toda a sua originalidade a serem invejados.

Os outros, eu pensava com medo, serviriam apenas para admirá-los?  
E admiravam para serem admirados, conheciam os preços uns dos outros.  
Eu tinha apenas dúvidas, vivia de hesitações, tremia de incertezas,  
e eles pareciam ter razão mesmo quando estavam errados.  
Cada um fingia não poder ser desprezado pelos outros.  
E eram homens, não mulherzinhas; não faziam coisas de mulherzinhas  
não gostavam de quem parecia mulherzinha e, talvez para provar isso,  
falavam em comer as mulherzinhas, o que me parecia coisa canibal.  
(Como é possível, eu pensava, que estes meninos asseados queiram devorar  
gente?)  
Eles ensinavam às meninas encabuladas que eram elas as mulherzinhas,  
ensinavam com as mãos, com os lábios, com os olhos.  
E quem estivesse com uma mulherzinha sem beliscá-la,  
tornava-se também mulherzinha, era contagioso, parecia.  
Hoje eu me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola.  
Eles hoje estão casados com alguém que saiba como ser uma mulherzinha.  
E eles ensinam seus filhos e filhas quem deve mandar e quem serve para  
admirar.  
Ainda têm muito medo de, por distração, parecerem mulherzinhas.  
(Como é possível, eu penso, que esses canibais medrosos queiram esbanjar  
poder?)

Os meninos da minha escola me pareciam desumanos.  
Mas eram de uma desumanidade que era um parâmetro de humanidade.  
Batiam, brigavam, esbravejavam e gostavam de fazer os outros  
apanharem, socarem e chutarem em um espetáculo de porrada,  
esperado como o acontecimento que dignifica o dia.  
Contorciam-se para enxergar uma fresta da diversão pura  
e se entretinham ainda mais quando corria sangue ou quebrava algum osso.  
Ninguém queria estar sendo socado, estar sendo esmurrado,  
mas dedicavam-se apenas a não serem os que apanham jamais.  
Aprendiam nas rodas de pontapés que tinham que anunciar porrada  
ou dar porrada. E todo o resto eram detalhes.  
(Como é possível, eu pensava, que estes meninos educados gostem  
tanto de ossos partidos?)  
Eles contavam uns para os outros dos espetáculos que deram  
dos espetáculos que viram, e não importava que mentissem,

que contassem vantagens que não tinham: apenas queriam olhares com medo.

Hoje me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola.

Estão rodeados de olhares com medo, sentados em poltronas confortáveis, longe da escola. Mas fazem de tudo o que fazem ou assistem uma representação fiel das barulhentas rodinhas de porrada.

(Como é possível, eu penso, que gente que passou anos uivando por sangue tenham crescido para ser respeitável?)

Os meninos da minha escola me pareciam bárbaros.

Mas eram de uma barbárie que eu tinha que achar civilizada; já sabiam que seus direitos eram diviníssimos

e que quem não tinha estes direitos para sempre adquiridos merecia um sacolejo de ombros, ou insultos com gargalhadas.

Tinham um conhecimento vasto sobre como roupas e modos revelavam quem devia mandar e quem devia se humilhar.

No fundo, sabiam tudo: no fim das contas valem apenas os músculos.

Eu tentava imaginar onde eles guardavam todas as aulas,

que tínhamos sobre justiça, paz e respeito aos outros

que nunca longas demais para mim mas que sempre eram improvisadas e sempre pareciam pouco importantes e sobre temas menores.

(Como é possível, eu pensava, que estes meninos já saibam o que deviam aprender e o que deviam parecer que aprendem?)

Nada ameaçava eles, nada importava a eles, eles seriam poderosos quaisquer que fossem os princípios, ou as regras dos jogos.

Eles me pareciam todos predestinados.

Hoje me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola.

Estão defendendo a civilização com os princípios de sacolejos de ombros e demonstração de músculos

que aprenderam bem na escola. Direitos e justiça, eles deixaram nos cadernos da escola. E eles mofaram.

(Como é possível, eu penso, que a civilização esteja na mão de quem deixou os melhores cadernos mofarem sem serem lidos?)

Os meninos da minha escola me pareciam arrogantes.

Mas eram de uma arrogância que eu tinha que achar legítima.

Eles tinham palavras cheias de ódio e ressentimento, cheias de conotações obscuras ditas com asco,

palavras que todos temiam, ninguém entendia e com as quais todos aprendiam a se suspeitar. Antes de sabermos que as pessoas se desejavam e que os poderosos tinham o que desejavam, sabíamos que as putas eram tortas, os bichas desprezíveis. (Como é possível, eu pensava, que algumas pessoas possam ser, assim de cara, tão erradas?) Parecia que todos traziam um sinal de destino na cara: estes foram feitos para galhofa, foram feitos para se envergonhar. Pelos gestos contavam o que eram para todos com precisão, em um código que eu não interpretava mas que os outros compreendiam melhor do que compreendiam seus pensamentos. Hoje me pergunto aonde estão os meninos maus da minha escola. Estão cheios de certezas e cobertos de pretensões toleradas. Ainda se enojam com os gestos dos bichas, ainda se acham melhores que as putas. Mas agora, convictos que são admiráveis, eles decidem a vida de todos. (Como é possível, eu penso, que os rabiscos nos banheiros da escola exprimam tudo o que temos que desejar?)

## **18. Verfigalhos vistos de longe**

**Verfigalhos espalhados por toda morada.  
Penxes, daguères, luvas estragadas e pó.  
Carinaques sem oliva, cheiros sem cor e só.  
Malgo meus trapos a velhos suados em luz de estrada.  
Nada me drupa as agras nas folhas sujas de sirretinãs.  
Nunca esretissei a face das irrefas siplas ou mal-figãs.  
Apenas pareço nalco, linequesco montes bin em seda azul.  
Passaradas de fergas arrebitam pelo ar e voam ao Sul.  
Faz misgo, peço sempre, o dia esjussa sem qualidades.  
Espero um sabre relesgo, que faz ficos com novidades.**

## 19. Sem paciência, sem letargia

Sejam Assimmesmo e Deixaestar as personagens deste poema.  
As personagens inspiram uma certa quase incapacidade que o leitor conhece bem: a quase incapacidade de deixar de se conformar.  
Escurece um dia, clareia um outro e eles se dizem para si mesmos:  
- Há uma razão para tudo isto mas não sabemos e vamos vivendo,  
pouco adianta pensar, tudo se entrelaça e vemos apenas um ponto ou dois.  
Toda a vida é assim mesmo, torta, desengonçada.  
E as vulneráveis paixões, deixa estar, apodrecem por si mesmos.

Assimmesmo e Deixaestar são dois homúnculos (encorpados)  
que circulam no sangue de leitor.  
Regem com paciência e sem torpor  
uma oceânica sinfonia de amortecimentos  
que o leitor carrega, quando atravessa a rua, come pães ou dorme.

Junto as sensações, como bocados de broa,  
que estamos sempre a mordiscar,  
leva o leitor muitas tantas outras homúnculas, umas breves,  
outras pacientes.  
Muitos amordaçados.

Um dia, este dia, assim mesmo e deixa estar,  
sussurra em todos os ouvidos,  
estes homúnculos soltam-se de sensações turbulentas  
e sentam-se com os grandes Assimmesmo e Deixaestar  
em uma sombra verdejante de alguma flora intestinal.  
Ficam sentados à sombra estes dois grandes homúnculos  
ao lado de muitos outros homúnculos e homúnculas

que olham longe e estão impacientes, inconformáveis  
e ali mostram aos grandes que ao pensarem que é assim mesmo,  
ao deixarem estar, amarram todos os homúnculos e homúnculas  
em muitos nós de intestino delgado  
e põem todos a queimar no estômago.  
Insistem em deixe-nos circular entre as veias,  
todas, como se fossem vias públicas.  
E ali libertam uma leitora dos chicotes grossos  
que Assimmesmo carregava para ferir-lhe as costas  
e Deixaestar usava para prendê-la ao chão.

E então fica a leitora neste dia desconformado  
pensando em tudo aquilo que aceitou muito mansinho,  
tomando as colheradas mornas que distribuía todo dia  
o flácido Assimmesmo, o imponente Deixaestar.  
Quantas vezes, a leitora agora se lembra,  
entregou as mãos, os pés, os olhos àqueles poucos homúnculos,  
que falavam com a voz dos homens que mandam.  
A leitora vê que não precisa que seja assim mesmo,  
que muito pouco impele a que deixe tudo estar.

Descobre o leitor muitos outros homúnculos e homúnculas  
a flutuar nas correntes do seu sangue: grandes populações,  
partes robustas, outras partes muito esquiladas.  
O leitor passa uma vista de olhos em suas sensações,  
aquelas que ele conhece desde pequeno,  
e aquelas que ele mal teve tempo de mordiscar,  
empenhado em seguir as ordens demoradas de Deixaestar,  
ocupado em obedecer as regras difíceis de Assimmesmo.  
Mas agora a leitora escuta umas vozes abafadas  
que vem de dentro do ouvido mas que ela nunca ouviu  
e encontra músculos novos escondidos nas alcovas secretas,  
opulentas e desleixadas, de Assimmesmo e Deixaestar.  
A leitora então começa a resistir, esperneia, não se conforma.  
E neste dia o seu sangue corre mais ribeirão, menos carranca.  
Neste dia.

E este dia chega, antes que termine o último poema.

## 20. A CARNE DO TEMPO

I  
As horas (os minutos e os segundos)  
são pacotes de eternidade que vão embora.  
Carregam todas séculos e muitos mundos  
mas vão logo pra longe, jogam tudo fora.

Depósitos de talvezes crus, desperdiçados,  
os tempos apodrecem em safras abundantes;  
bons minutos em podres horas contaminados  
ficam verdes, fenecidos, vacilantes.

Eu queria fincar na terra com um alfinete  
um ou dois segundos passando ao léu.  
E poder vê-los de novo em um museu.

Mas eles escapam, como água na rede:  
O tempo não é um rio que passa  
é a enxurada diante da qual nunca há vidraça.

II

O tempo não é um rio que passa.  
É um rio que arrasta as bordas com ele.  
Um filete de água suja, escassa,  
quase feita só de barro, cobre ou gente.

Sozinha e lúgubre, a necessidade  
ligeira flutua morta no leito dele.  
Mas quando o rio enxágua em tempestade,  
ela renasce imensa mas selvagem, onisciente.

De longe é sempre um rio que corre e escoo.  
Mas chega, afoga os dias e do que reste,  
leva como carne, corpo e veste.

Sempre arrasta, cândido e mesmo a toa,  
como se ribeirão de prado fora,  
pele, choro e qualquer coisa duradoura.



III

O tempo também tem seus desertos,  
áridos dias feitos de horas a mais:  
inóspidos territórios a céus abertos,  
miragem de pouca tâmara quase sem paz.

É feito de curvas e retas pela metade,  
E está sempre a tarde, entre luzes fortes.  
Todos os dias derrapa na eternidade,  
enlaça nas suas horas mortes e mortes.

Estar solto em suas maresias entontece, devassa.  
Horas parecem milênios, semanas parecem minutos  
que navegam sem estrelas, e desfilam mudos.

O tempo não é um rio que passa  
é uma cachoeria que desmancha pedras.  
Nada volta. Nem planetas, nem pétalas.

#### IV

O tempo é rio que carrega o rio,  
pois coisas grandes são servas de quandos,  
faz uma montanha, enche um lago vazio  
apaga os contornos, fortes ou brandos.

Um poder sem rumo e sem carcaça  
disfarçado de batidas sem conteúdo.  
O tempo não é um rio que passa  
é céu, chão, o nada ou quase tudo.

O dia, feito de hojes, parece cimento  
mas é só fumaça: move e some.  
Memórias são onças que morrem de fome.

Agora, feito de agora, com nada dentro  
enlaça formas firmes, as matérias grossas  
e solta todas, largadas pelas fossas.

## **21. As propriedades orgânicas dos devaneios, os abutres, etc.**

Quanto valem os mundos imensos imaginados e que não duram?  
Onde estão que não duram?  
Escorrem do cansaço das pessoas  
e correm para fazer parte da terra,  
para que ela seja habitada.

Cansam as perfeições, desmoronam as plenitudes,  
exalam o fastio e na ânsia inorgânica,  
abrigam o tempo.  
De tudo isto ficam poucas sobras pelos sapatos  
que pisam a terra, nossas ruínas mascaradas  
onde plantamos frutas.

22.

As tintas mancham a roupa do tipógrafo  
Ácaros assustam e dispersam  
Onde estão os símbolos?

## **23. Verdade por correspondência**

Como encontrar

a agulha de um fato  
em um palheiro de metáforas?

## 24. Uma tarde

Uma tarde, como tantas outras, cai.  
Mas esta tarde está caindo ali, a alguns metros destas letras.  
Ela cai e não se levanta nunca mais.  
A tarde cai e sobe a noite, a manhã e outras muitas tardes.  
Também estas letras sumirão daqui,  
elas irão às vezes lidas, às vezes entendidas,  
cruzando outras tardes longas, outras tardes despercebidas.  
Pois muitas tardes caem sobre muitas colinas  
e deixam em seus rastros muitas noites.  
As colinas cheias de plantas que saem da terra  
repousam as tardes quando elas caem.  
As letras são tipografadas com as tintas,  
que saem das plantas, que saem da terra,  
que repousa nas colinas as tardes que caíram.  
Vão-se as tardes, outras atrás desta.  
Mas o que tem esta tarde com estas letras,  
se elas nunca mais vão se encontrar?

**25. As duas velhinhas  
ou, Se a beleza não for de verdade**

Minerva ou as musas, quem irei desposar?  
Aquela dá-me leite, estas dão enfeite.  
Minha índole confusa, quer que eu me deite  
na cama mais alva que eu achar.

Mas como? Se são todas cintilantes:  
musas enfeitiçam, Minerva encanta.  
Onde está o pomo, desta guerra santa?  
Penso que encontro, e não, já vem de antes!

Minerva não admite, musas ou o que for,  
só ela reza o credo, só ela sobe a cruz.  
Das musas só tolera cheiro, e nem sabor.

Já as musas, esbeltas, joviais  
Deixam Minerva brilhar e jogam mais luz  
Sussuram que Minerva é uma musa a mais.

## 26. Substâncias no Verão

Uma mosca magra pousa em um volume de Leibniz  
e passeia pelas letras de uma mônada.  
Preta da cor da tinta, a mosca orbita as letras.  
Em um significado dentro das letras pretas,  
a mosca é mônada  
e seu pouso é mônada.  
Fora das letras pretas, a mônada é mônada  
e a mosca passeia devagar  
movida por uma suave harmonia há muito pré-estabelecida  
entre suas asas pretas e as muitas mônadas de ar em volta do Leibniz.  
Já não distingo letras de asas, vírgulas de patas:  
alheio aos significados obliquos e antigos das palavras,  
vejo palavras prestes a voar, patas querendo dizer.  
Alheia às diferenças grandes entre coisas e símbolos,  
a mosca cruza linhas, sublinha pronomes,  
e pára sobre uma mônada maior que ela.

O papel, expressando grandes quantidades,  
sustenta a mosca que enxerga pouco além de uma planície de letras  
que, invisivelmente, significam todas as mônadas  
(e com elas todas as moscas).  
A mosca não sabe que passeia sobre ela mesma,  
quando rasteja sobre as letras de Leibniz.  
Na planície de letras, há seu futuro, seu passado,  
seu vôo e seu pouso; em poucos centímetros.  
A mosca pára sobre a mônada,  
uma mônada sobre outra mônada.  
Leibniz também está entre as mônadas:

entre as mônadas que voam  
e entre as mônadas que pousam.  
A mosca não sabe que umas mônadas estão sobre outras  
e que umas mônadas são sobre outras;  
pousa sobre umas letras e voa para longe.

## 27. Exemplos

Vivo eu só com a bromélia.  
Uma bromélia é quase nada da natureza,  
quase nada de seus troncos, suas forças, seus imbrincamentos.  
Um eu só é quase nada de mim,  
quase nada de meus troncos, minhas forças, meus imbrincamentos.  
Somos poucos exemplos um do outro,  
confinados juntos:  
a bromélia segue o que reza sua semente,  
eu só sigo o que rezo eu.  
Confinados juntos que estamos não ficamos o mesmo,  
ela cumpre seus instintos para florir,  
eu cumpro minhas idéias para hesitar.  
Ela flore, eu hesito, nunca fazemos a mesma coisa.  
Mesmo que as paredes do apartamento nos espremam um no outro,  
nem eu não floriria (o que é um troço da natureza),  
nem ela não hesitaria (o que é um troço de mim).  
A bromélia não é meu corpo, não é a minha alma.  
Eu não sou o seu caule, não sou sua raiz.  
Nós somos exemplos de coisas muito diferentes.  
Mas somos exemplos.

28. Ode a um sonhado arquipélago de cubas  
2002

Há na cuba um pouco de vida para além das cotoveladas.  
Uma ilha-cana-de-açúcar no meio de uma arena de luta livre.  
Uma ilha feita de princípio em um redemoinho de fim,  
como uma quaresmeira frondosa em um estacionamento.  
Cuba, apenas ilha de rum e rumba que eu queria continente;  
queria um arquipélago destas cubas, ao invés deste mundo seco.  
Em um mundo que é mar onde tubarão morde golfinho,  
uma estreita cuba onde as abelhas oferecem mel para os ursos  
e as formigas trabalham para as cigarras cantarem.  
Em um mundo onde gato com pressa come cão,  
uma cuba, onde quando há cordeiros não há leão.  
Uma ilha onde se pode ver gentes ajudarem,  
onde instintos puros não seguem repetidos cursos.  
Os impulsos secos que vem do oceano sangrando em torvelinho  
batem nesta ilha e se dissolvem, encurralados em um beco.  
Queria uma ilha assim, sem chicote, sem gula, diferente.  
Onde todos vissem em toda coisa não entrave mas sustento,  
não entrave mas ambiente, outro Abel, nenhum Caim.  
Mas é apenas uma cuba, cercada de abismos de todo calibre  
e sozinha sem padrões, sem ignorância, sem espadas,  
apenas um oásis sem armadilhas onde as idéias ficam rebeladas



e todos comem.

29.

A lira, ora escondida atrás das trevas das aflições humanas,  
ora perdida em esplendores distantes das aflições humanas  
toca na porta de todos de manhã, mais cedo do que todas as aflições  
humanas.

A porta, espessa e maciça, em que toca a lira é feita de aflições humanas.  
Bem pouco pode a lira, com sua mão submersa na paisagem das aflições  
humanas

e poucos notam aquele ponto brilhante embrulhado nas aflições humanas.  
Vão-se as gentes, cegas para a lira, a devorarem-se nas aflições humanas.  
Correm pelo planeta enquanto nas veias correm vermelhas aflições humanas  
Respiram, comem, bocejam e invejam - como comandam as aflições  
humanas

A lira, miúda, escassa, retira-se modesta entre as barulhentas aflições  
humanas

As gentes mordem-se sem tempero, machucam-se de aflições humanas  
Gritam-se persuadidos, esperneiam, esfregando aflições em aflições  
humanas

A lira, a pequena estrela, submersa entre os espasmos de aflições humanas,  
fica espremida, nublada e entupida de aflições humanas,  
quieta, tímida, ela engole pratos das mais patuscas aflições humanas.  
Engorda de aflições, fermenta-se de aflições, implode de aflições  
Mas fica ainda luminosa, resignada, soprando em cada respiração humana.

### 30.UMA PESSOANA PESSOAL

(DIZ UM SENTIMENTO MAL-EDUCADO QUE CARREGO ENTRE MEUS GENS:)  
SAIAM, SAIAM TODOS.

NÃO QUERO QUE ME OLHEM ENQUANTO VIVO.

OS SEUS OLHOS INTRUSOS ME COÇAM, ME ATAZANAM, ME FORMIGAM.

A POSSIBILIDADE CORCUNDA DE QUE ME PENSEM  
COM AS CARNES QUE TRAZEM POR TRÁS DOS OLHOS

ME AMORDAÇA, ME ESBOFETEIA,

FAZ-ME INVADIDO, AFIA MEUS DENTES,

DÁ-ME ÂNSIAS DE PUNHAL, ME ANIQUILA.

NÃO ESTOU AQUI PARA SER VISTO, MINHAS COSTAS NÃO SÃO PAISAGEM.

BUSQUEM COMBUSTÍVEL PARA AS SUAS IDEIAZINHAS BEM LONGE DE  
MIM.

EU QUERO APENAS OLHOS SEM PENSAMENTOS.

QUERO APENAS AS MINHAS PAREDES.

**31.**

Sento-me às pedras, perto do mar.  
Quero achar umas palavras  
que engulam a costa,  
que guardem o horizonte grande  
e que preservem todo o seu viço.

Quero umas palavras para carregar comigo  
para longe,  
para a planície fria onde vivo sem conchas, sem mar.  
Mas vejo que as palavras esvoaçam alto,  
mais alto que as garças, acima das nuvens,  
raspando no céu.  
Carrego umas pedras.

Hoje, o sol arde sobre o mar,  
aquece a água, enfeita a praia.  
Carrego as pedras.  
Enfio o horizonte grande,  
o mar cheio de sol  
e todos estes minutos delicados  
dentro das pedras.  
Mas elas pesam.

### 32. Quero Liberar Geral

Não suporto muros que escondem olhos  
Não suporto olhos que disfarçam muros  
Não suporto só estar à vontade entre paredes  
Não suporto que me forcem a fingir que não vejo  
Não suporto que me forcem a pensar por ruas estreitas  
Não suporto ter que amedrontar  
Não suporto ter medo de empobrecer,  
de enfraquecer,  
de enloquecer,  
de ser mais ordinário. Sou comunista.

Não suporto líderes que traficam segredos  
Não suporto segredos que sustentam líderes  
Não suporto ter que olhar para cima para ver gente  
Não suporto ter que aprender tanto com insinuações  
Não suporto saber qual é meu lugar  
Não suporto peitos que estufam com ar alheio  
Não suporto homens que adoram ser grandes  
que chamam gente de massa  
que se acham maiores que a praça  
vermelha, branca ou de concreto. Sou comunista.

Não suporto fórmulas que viram alibis  
Não suporto alibis pendurados em fórmulas  
Não suporto medir meu valor contra os outros  
Não suporto as listas de meus méritos  
Não suporto furar a fila e não ser notado  
Não suporto ter direitos pela minha aparência  
Não suporto usar meus privilégios toscos  
meu lugar na hierarquia  
minha voz amplificada  
pelo silêncio de quase todos. Sou comunista.

Não suporto a dor que deixa gente forte  
Não suporto a força que foi feita de dor  
Não suporto a empáfia de quem foi machucado  
Não suporto o sofrimento que quer prêmio  
Não suporto certezas feitas de cordas vocais  
Não suporto fatos prontos para serem decorados  
Não suporto ter que fingir que mereço  
ter que olhar com desprezo  
ter que engolir em seco  
as dores que precisam que eu grite. Sou comunista.

### *33. De cima dos Andes*

"con confianza todo es possible"

Subi a cordilheira dorsal  
Montanhas de estampa rosa  
Tornadas baratas de miséria  
La paz amassada em um buraco  
rodeada de altos que olham para cima,  
olhando para baixo. Fácil perder  
um estado de espírito pelas ruas  
calejadas deste buraco cheio de cidade  
entre os sacos de grãos, entre feijões  
escondidos no algodão nas bolsas  
e dentro das nozes da guanábana.  
E as mulheres, vendem, e mascam,  
e esperam, e vendem enchendo a rua,  
povoada de trabalho. Porque elas  
são mascadas a trabalhar tanto?  
Nenhum dia é santo, as brancas descansam  
mais que as cholas. Do alto da montanha,  
somem as estampas rosas, são cruas  
as semicasas, semiendereço nas semiruas.  
La Paz não parece com a paz  
e tem os cheiros e as cores de quem  
põe com paciência a vida correr  
com urgência. Os dentes mascam  
como esporas, e com a dúvida quieta  
de quem perdeu a fome,  
perdeu o frio, tomou o ar  
bruto feito todo dia de prosa,  
escrita por sapatos, coca e sal.

"con confianza todo es possible"

Subi a beira do lago Titicaca  
erótico, sagrado, imenso; água  
a luz do sol é arco-íris brando.  
Um lago, com a história achatada

em mitos que podem ser tudo,  
vira uma bacia de possibilidades  
remotas, vagas, sem vento.  
Eu queria encontrar um passado  
puro, um lago que separasse  
a Conquista para fora dos conqui-  
stados, queria um antes e um depois;  
as folhas são brancas, as roupas  
são brancas, os peixes são brancos.  
O lago diluiu as mentiras e as versões.  
O lago dissolveu de lendas as identidades.  
O lago borrou as certezas. A água azul  
turbando os rostos, sutil ou verde-água  
e as pessoas que vigiam com olhos de faca.

"con confianza todo es possible"

Um continente que não confia  
não confia em encontro algum  
que possa virar Conquista.  
É melhor mentir e ouvir mentiras  
do que correr o risco de sentir sem chão  
de não ter razão e ter que aceitar  
quem possa conquistar, quem pode querer invadir.  
Um contingente levantado do chão.  
Um continente tépido, esfriado  
de pequenas mentiras, de ignorâncias  
disfarçadas por uma maneira  
suicida de enfrentar com vida  
a mão armada. E esquentado pela luz.  
Um continente túbio de desconfiança  
em cada olho onde a vida fica cheia  
pela metade, rabiscada pela metade,  
por correntezas de medo indomado;  
esconder a verdade preserva a vida  
mesmo que deixe os rios correndo em silêncio.  
Um continente de disfarces, disfarces  
de quem só pôde guardar o que escondeu.  
E frutas maiores que as moitas,  
dentes que ficam adultos depressa  
e que aprendem a falar sem querer dizer,

a morder o que lhe toque os lábios  
antes que escape. Como se todo grão  
de quinoa merecesse suspeita, sempre.

"con confianza todo es possible"

Nasci no continente que vejo do alto  
destas montanhas de pedras com cores  
de gente. Agora vejo as pedras com cores  
de gente arruinadas, a gentes com cores  
de pedras carregando suas vidas  
entre fragmentos arruinados. E as gentes  
com cores de olhos, os olhos com cores  
de céu. E o rio. E a minha cabeça nele.  
Parece que os andes se agarram em sua  
glória, nublada, esfumaçada. Uma glória  
que levanta a cabeça e não pode ser  
diluída; sem a glória, as montanhas caem.  
Glória quando falta papel, inspiração,  
nexo e confiança. Glória: para gostar  
do que não confiamos. Nasci amando  
a glória; para que me perdoem de ter  
sido Conquistado; para que me deixem  
de desconfiar. Do alto destas montanhas  
estampadas aparecem rios subservientes  
e arredios e que querem ser gloriosos.  
Que nos dá a glória? O sol bate em todos  
os lados da cordilheira do continente  
e produz mais sombras que afetos.  
Sombras. Do alto das montanhas,  
quase nas nuvens, parece um continente  
grande de cajamarcas escondidas.

"con confianza todo es possible"

Estou na margem de um rio andino,  
escrevendo com palavras enormes, monumentais,  
sobre as moitas estampadas que encontrei  
dentro das almas das gentes, com cor de pedra.  
Talvez estes becos arredios escapem  
para sempre como qualquer gota de um rio

sem nome. Estas palavras monumentais, enormes  
sobre um pano com estampas verdes,  
com fios amarelos, vermelhos em um fundo  
quase azul. Minha cabeça ainda está molhada  
e assustada e me cubro com lã de alpaca.  
Parece que meu coração fica obscuro,  
fica tonto, dissolvido nas estampas de cores  
sem forma onde tudo é ícone sobre  
ícone, tudo é háptico, nada é paisagem.  
Por aqui já se perderam as paisagens  
e tudo o que sinto parece a llamas decorando  
os corpos dos deuses de corpo quadrado.  
Um coração vago, na margem do rio  
que corre em uma velocidade constante,  
alheio em ollantaytambo. Queria poder  
ver o sol sem esta moldura quadrada,  
sem olhos e bocas e narizes; sem  
ser o sol uma cabeça, sem ser minha  
cabeça cheia de sol. O que ilumina o sol?  
Deve vir dos andes tão cheios de sombra  
este medo que atravessa de norte a sul  
quase todas as minhas atitudes retraídas.  
Esta desconfiança que corta de protuberâncias  
quase toda a minha altitude corroída.  
Gostaria de levar este continente para fora  
das moitas, de levar o sol para dentro  
das paisagens com fios molhados.

"con confianza todo es possible"

As pessoas carregam pedras, as pedras  
carregam ícones, os ícones carregam pessoas.  
Meninos de centímetros carregam pedras.  
Meninas de meses aprendem a vender  
antes de aprenderem a contar o que trazem  
em suas cordilheiras. Cada pessoa carregando  
pedras e carregando ícones tem cordilheiras  
com sombras e estampas. Este mundo é,  
na terra enrugada, uma neblina de lágrimas.  
Todas à minha volta carregam suas pedras.  
E carregam o coração de quem carrega.



Coração feito de um continente pastoso  
de trair em pequena quantidade. Acomodar.  
Tenho o sangue de um continente de acomodação?  
Nada fica firme, nada merece a confiança  
de um rio que desce o morro, nada  
por inteiro em que eu possa me apoiar.  
Vejo um panorama da minha alma ressabiada,  
do alto da ruga do continente, um medo  
de tudo que parece. A Conquista torna as pedras  
de doze ângulos suspeitas de ilusionismo.  
Tudo pode se desfazer; melhor é trancar  
o que importa com uma chave que não importa.  
Melhor acomodar. Deixar o coração escondido.

"con confianza todo es possible"

Uma sobrepele de descrédito diário  
sobre a epiderme frita de sol  
com frio. Com medo e pressa  
de sobreviver logo, um cansaço  
no sangue e um atalho prostrado  
para que não haja confronto. Deixa!  
Pouco importa, que se satisfaça tudo,  
que acomodemos aquelas que gritarem mais.  
Melhor não sabermos como é, eu fico aqui  
sem esperar por muito, protegido com pedras  
pontudas contra a Decepção. Arranquei meu  
coração, pus uma pedra sem história no peito,  
sobre uma montanha de lendas. Fico querendo  
ouvir que bate a pedra.

### 34. Há madrugadas?

As madrugadas são baús da carochinha:  
exalam paraísos muito bem inventados  
em plágios ou sonhos sem cor nem linha,  
com trejeitos amplos, sinceros e refinados  
que alguma estrela, simples moléculas, adivinha.

Porém os dias são severos. São troncos de certeza.  
Entre as soltas noites bem fincados,  
engolem cada madrugada que é apenas uma presa.  
Gritam tarefas e deixam os rostos amassados.  
Nos cheiros fazem bolores. E na rua a luz acesa.

Para a madrugada escapam as almas enquanto estão ilesas.

### 35. Manhã, tarde e noite

Laranjas estagnam pela mesa por toda a noite e vêm o sol  
esbarra nelas com a cumplicidade de quem mantém  
as cores das coisas  
e cintila-se nas frutas como quem concorda.

Você tem privilégios, você os agarra, você os guarda bem.  
Por que você acha que tem o direito de sair com seu carro?  
Somalis não podem. Basta apenas ter uma chave no bolso?

Queria fazer versos suaves e claros antes de ir para cova.

Tenho três quartos, um chuveiro à disposição  
Edna tem família, casa cheia e banheiro a um quarteirão  
Por quê?

Tenho carro, quando quebra tenho condução  
Mazinho tem seus calos de tanto pisar o chão  
Por quê?

Tenho minhas certezas sobre onde fica o cartório e o Japão  
Deuzimar não sabe para que servem os papéis que lhe dão  
Por que?

Quando invento estórias sei o que elas são e não são em vão  
Uáshington não sabe que quem conta coisas, conta sempre uma invenção  
Por que?

Eu queria fazer órbitas livres e cheias  
desde que balançava dentro do útero.  
Acumulei títulos; eles abrem as portas  
de onde eu não quero ir.

O vento pára no meio do mar.  
Tufões puseram o barco a mover como o destino.  
Agora o largam solto pelos horizontes.

Escurece o céu e também as pálpebras querem escurecer.  
Uma hora em que os matizes somem e tudo parece paciência.  
Todas as formas precisam de resguardo.

### 36. Acabem com toda opressão

As folhas, mesmo as mais gentis, figuram sempre na nossa vida vaporosa:  
de alegrias desentendidas,  
de agruras que passam devagar,  
de inspirações súbitas mas aflitas.  
O parto rasga a pele, a morte arranha os que vivem.  
Entre estes acontecimentos  
carregamos almas que não são de cetim.  
Carregamos almas que são casulos infláveis,  
que são portas abertas.  
E ainda assim:  
por que esmagas os outros?

A menininha, não sabe que se esmaga, ela viaja.  
Vê as rodas azuis, vê água.  
Quando vê trilhos que carcumem plantas,  
a menininha, com cachos pretos e lábios de carne,  
aproxima seus dentes de leite do vidro grosso da janela.  
Rói. Rói os viadutos, rói as estradas.  
Deseja estar para além das estradas.  
Para onde, além?  
Talvez o horizonte seja até aonde ela pode ver.  
A menininha pensa que os adultos sabem o que é o horizonte.  
Ela consola esta ânsia de roer tudo  
pensando que alguém sabe o que é o horizonte.  
Ninguém sabe.  
E ainda assim:  
por que esmagas os outros?

Por que esmagas os outros?  
Acaso pensas que o desconforto do vizinho  
te será confortável?  
Talvez ainda penses que a justiça é uma vertigem.  
Talvez acredites que olhos dos outros são facas,  
que tens que pô-los na bainha, voltados para baixo.

E no entanto, o poder é um disfarce da ignorância,  
da ignorância envergonhada,  
da ignorância enfiada debaixo do tapete.

Talvez ainda penses que tens que unhar por tuas batatas.  
Talvez acredites que quem ganha, ganha um prêmio.  
Talvez aches que o mundo é de quem chegar primeiro.  
E no entanto, a menininha que rói as paisagens  
e não tem a cabeça armada até os dentes,  
e já tem as batatas, o prêmio e o mundo.

37.

Queria pertencer a uma religião sem-cerimônia.  
Sem céu e sem terra, sem uma hierarquia de anjos.  
Sem santos canonizados, sem fé.  
Umass missas sem hora marcada,  
uns minaretes feitos de árvores,  
catedrais feitas de areia.  
Rituais que nunca se repetissem.  
Uns sacerdotes, todos loucos e bem-dispostos.  
Um Deus que não criou nada  
mas sempre está pronto para dar uma ajudazinha.  
Umass rezas para quando alguém precisa de sorte  
ou de uma atenção especial.  
Porque senão, para que rezar?

(Queria acreditar que o mundo é uma grande sala de estar.  
E para além dele há longos corredores cheios de portas  
e largos jardins.  
Em um Deus que, como uma serva explorada,  
fica sempre ao pé da cozinha do mundo  
esperando que alguém o chame  
para servir os biscoitos e o licor.)

## 38. Fronteiras

Se queres ousar, pensa,  
pode ser diferente,  
podemos demolir as estradas para não atrapalhar os baobás,  
podemos criar tecnologias para distribuir prazer,  
podemos parar de demarcar fronteiras quando imaginamos,  
quando intuimos, quando desejamos, quando oferecemos.  
Podemos parar de demarcar fronteiras  
entre o que somos  
e o que queremos ser,  
entre o que somos  
e o que somos obrigados a ser,  
entre o que somos  
e o que pretendemos ser,  
entre o que somos  
e o que as negras, os mendigos, as bichas e as putas são.  
Podemos parar de demarcar fronteiras que custam sangue  
e se fazem pondo desprezo de um lado e medo de outro.  
Podemos até parar de demarcar fronteiras  
antes que demarquemos a fronteira da vida e fiquemos fora dela.

Se precisas ousar, ousa mais,  
pode ser diferente,  
podemos deixar a terra crescer frutos de todo porte,  
não pensar que ela é nossa geladeira quente,  
e a cada dia comer coisas diferentes.  
Podemos parar de ver o mundo com as cores dos mapas.  
Podemos parar de demarcar fronteiras  
entre o que fazemos  
e o que nos faz fazer,  
entre o que fazemos  
e o que fica feito depois que fazemos,  
entre o que fazemos  
e o que somos capazes de fazer,  
entre o que fazemos  
e o que fazem as indigentes, os pobre caducos, as moribundas.

Podemos parar de demarcar fronteiras que custam sangue  
e se fazem pondo certezas de um lado e indiferença de outro.  
Podemos até parar de demarcar fronteiras  
antes que demarquemos a fronteira da vida e fiquemos fora dela.

Se gostas de ousar, inventa,  
pode ser diferente,  
podemos abandonar as instituições financeiras aos fungos,  
podemos dar títulos de propriedade às paineiras,  
podemos viver em cidades do tamanho de nossos passos.  
Podemos parar de procurar trigo no joio.  
Podemos parar de demarcar fronteiras  
entre o que gostamos  
    e o que deveríamos gostar,  
entre o que gostamos  
    e o que pensamos gostar,  
entre o que gostamos  
    e o que fingimos gostar,  
entre o que gostamos  
    e o que os outros tem que aprender a gostar;  
    do que gostam as miseráveis, as amantes excluídas, os asilados.  
Podemos parar de demarcar fronteiras que custam sangue  
e se fazem pondo ordem de um lado e violência de outro.  
Podemos até parar de demarcar fronteiras  
antes que demarquemos a fronteira da vida e fiquemos fora dela.

### **39. O passageiro**

O passageiro que preenche o assento do ônibus  
revelou a todos enormemente  
com um gesto quase sem pudor: é cristão;  
em seguida fez ao mundo, com menos pudor, que tinha sono.

O cavalheiro que preenche o assento do ônibus  
carrega pelos semáforos barulhentos e demorados de São Paulo,  
todo o cristianismo que abriga e tem sono.

O cavalheiro que preenche o assento do ônibus  
talvez fosse à igreja se lhe parecesse oportuno;  
ecoar cantos e também para comungar etc.

O cavalheiro que preenche o assento do ônibus  
iria, mas esclarece logo que tem sono  
e talvez com sono seja melhor adiar os afazeres da alma.

O cavalheiro que preenche o assento do ônibus  
amanhã pode não ter tanto sono  
e terá cristianismo (saberá como tratar as velas  
e para que servem os detalhes de todas as coisas).

Hoje, também sabe, mas tem sono.

40.

2000

Existem mais ou menos 6 bilhões de pessoas vivas neste mundo.  
Nenhuma delas é mais a minha mãe. Nenhuma respira por ela.



Trata-se agora apenas de um planeta sem a minha mãe.  
E isto se parece ao meu corpo sem o coração.  
Agora é um fato, não há ensaio.  
Apenas ela tirada do mundo, tirada de tudo o que nós achamos que é mundo.  
Este fim desolador ofusca todas as coisas na vida,  
tudo parece sem colina, tudo parece chão.  
Toda vida parece uma garrafa fosca.  
Toda vida parece uma garrafa fosca e talvez com um vagalume dentro.

Na vida é muito difícil preservar o sentido,  
talvez tenhamos que esperar o vagalume piscar;  
e preservar todos os fragmentos que parecem ser um sentido.  
Apenas viver?  
Eu queria encontrar a minha mãe e comentar a vida do alto de alguma eternidade.  
Eu me sinto como uma personagem depois da morte do autor.  
Mas talvez alguém tome nota de tudo.  
Haverá um mistério? Sobreviver?  
``Cumprimos a tarefa da vida quando somos felizes."  
Kapará. Conformar?  
Parece que o rumo das coisas não se importa,  
a natureza, ou o que seja, mata e não se importa.  
A natureza não é minha mãe. Minha mãe se importava.

## 41. Paisagens

I

Tu preciosa Vida! És quase que a única testemunha.  
Não é nada mais que o nada que cobre cada paisagem,

e só um curto destino balança as folhagens,  
e apenas ele esbarra nos temores amontoados  
sobre nossos esqueletos, feitos de um barro emprestado.

Mas tu, tortuosa Vida, tu emprestas uma sombra.  
Onde as linhas e as folhas e as horas encontram fim.  
As gentes que te procuram só encontram vastas longitudes  
e odores fortes que o Fim deixa escapar sobre a terra.  
Onde ficarão entulhados nossos ossos, amarrados de reminiscências.

## II

Tu és rude e inconstante e somes com o vento.  
Tu estás por onde passamos e pouco vemos.  
Mas és testemunha que cada súbito pode tragar.  
O céu desce até o chão e nele não há nada.  
Tu escorregas entre as paisagens,  
demoras temporadas largas e escapas em segundos,  
vais esculpindo com teus dias afiados  
os excessos feitos de luz que olhamos e não entendemos.

## III

Uma senhora enrugada parou no meio da paisagem.  
Um vestido de cores pálidas, um rosto acostumado a ficar perplexo.  
Olhou em volta, mexeu as mãos: tudo é espera.  
Tudo está igual na paisagem, cogita a senhora.  
Mas ela está sempre desconfiada da paisagem, no meio da paisagem.  
E a paisagem parece sempre apenas um monte de objetos.  
A senhora some, a paisagem fica sem a senhora.  
Fica solitária a paisagem. Já não parece paisagem.  
Não é mais a paisagem que a senhora desconfia;  
não há mais uma senhora que com ela se assusta e se acostuma,  
ela agora é desarrumada e turva e não tem uma senhora no meio.

## IV

Mais uma tarde cai sob nossas costas.  
Gritos de crianças que degustam seus primeiros dias ao longe,  
músicas escapam esvoaçadas das janelas dos apartamentos.  
A calma bárbara cai pelo céu sem fundo nem forma,

pequenos barulhos embrulhados de silêncio,  
pequenas palavras afogadas nas horas.  
E com a agulha do entardecer, o tempo costura uns acontecimentos  
nos pequenos receios que cultivamos como o sustento  
e nos desejos um tanto maiores que a tarde.  
É assim que as quinas que separam os dias das noites  
arranham nossos ossos com barulhos estridentes.  
Mas a noite, ela nunca é cálida, apaga tudo.

## V

O mundo: eventos e processos -  
esmagados em um monte de matéria.  
Todos os dias ele exhibe paisagens robustas.  
Mas o que fazemos com todas elas?  
Se pudéssemos devorá-las como ervas saborosas,  
ou pisá-las até que tornem pó e lama...  
Por mais que devoremos ficamos sempre com paisagens.  
Elas ficam penduradas em nossos olhos  
como quadros de uma parede sem teto.

## VI

Mais um dia, e outro e outro.  
Os contornos dobrados uns sobre os outros.  
As paisagens que mudam, fenecem e não mudam.  
As gentes que esperam e ficam atrasadas.  
A vida é paisagem bruta do tempo.  
O tempo, enquanto a vida passa, é sinuoso,  
anda por estradas largas que desembocam  
em paisagens delineadas no corpo das coisas.  
As paisagens passam devagar.

### **42. Ipso Facto**

Fatos, fatos, fatos.  
Todo mundo nos enfia fatos pela goela  
desde que nascemos.  
Se são fatos, temos que engolir;  
fatos parecem cápsulas de ferro,  
alheios a qualquer mastigação.

Nos alimentam com toneladas de fatos  
para que nossos estômagos fiquem rijos,  
e parem de esperar mingau.

Fatos, fatos, fatos:

Alguns foram feitos para mandar, outras para limpar;  
corpos feios têm almas desprezíveis;  
armas financiam a prosperidade;  
nascido ali ele será chefe e terá tapetes sob os pés  
nascida aqui ela será empregada doméstica.

Onde há fato, acabou todo o resto -  
os fatos são os cidadãos privilegiados,  
invadem, ocupam, avassalam todo o pensamento  
e quem anda com os fatos no bolso,  
já carrega uma trincheira à sua volta.

Somos nutridos a fatos crus.

Fatos pessoais, fatos sociais, fatos comportamentais,  
fatos nacionais, fatos globais.

Até ficarmos com o corpo esmagado  
ou a alma mordida.

E, cheios de fatos, viramos combustível para as coisas  
caras.

Há um fato: todos querem ficar ricos,  
e outro fato: carros novos são respeitáveis,  
e mais um fato: os homens se vestem para poder brigar,  
as mulheres se vestem para encantar.

Fatos, fatos, fatos.

Procure um remanso, contam os fatos,  
para esta guerra mal-disfarçada,  
encontre um lar que te permita reunir as forças  
e te preparar para a batalha. Mesmo que o lar  
seja um lar de fato; seja o lar também batalha.  
Batalha, feita de fato.

Estes fatos rijos

produzem entre nossos ossos feitos de sonho,  
terrores, desamparos, sentimentos irascíveis  
que borbulham antifatos macios, inaudíveis;  
nossas almas se perdem em labirintos de fatos de metal:  
elas são feitas com nervos verdes quase nunca fatídicos.

Tanta gente possante levantada do chão por fatos gigantes,  
deixam por toda parte um incômodo quieto, um medo inquieto  
boiando pelo sangue e encharcando qualquer fôro íntimo de dúvidas quilométricas, de palavras curtas e de ações turvas.  
Ficamos nublados, nossa cabeça, etérea, encoberta de fatos.

É claro que os fatos,  
que sempre aparecem com uma casquinha pétrea,  
não duram minuto sem crâneos, sem bocas.  
Mas encontram crâneos, soltam das bocas.  
Os fatos terminam por atacar o tálamo, feito de veias abertas para o mundo.  
Amordaçam nosso espírito e enrugam nossa pele,  
degeneram os músculos e amarram com sílabas as bocas.  
Fazem anos e anos de tormenta entre os neurônios:  
fatos que não nos deixam ver, fatos que não nos deixam lembrar,  
fatos que não nos deixam esperar.  
Fatos, fatos, fatos  
amarram com cordas de arame farpado,  
nossas pálpebras feitas para olhar as coisas e tentar ver.

### **43.Cedo ou Tarde para Romeu ou Julieta**

Ninguém merece nada  
E assim, todos merecem iguais  
O amor da Julieta, o amor do Romeu.

Ninguém é anjo ou fada  
Todo mundo odeia pouco ou ama demais  
Acabam como a Julieta, acabam como o Romeu

Ninguém é couraça sem espada  
Todos pecam sempre querendo paz  
Deviam ser a Julieta, deviam ser o Romeu

Ninguém conhece a estrada  
Todos andam um pouco e olham para trás  
Acham só a Julieta, acham só o Romeu

Ninguém pesa só uma tonelada  
Todos carregam pelo corpo o peso dos pais  
Não são sempre a Julieta, não são sempre o Romeu

Ninguém desiste da alvorada  
Todas querem uns poucos dias eventuais  
Esperam como a Julieta, esperam como o Romeu

Ninguém fica esperando a ferroada  
Todas pensam às vezes que vivem demais  
Contorcem-se como a Julieta, convalescem como o Romeu

Ninguém desdenha de noite estrelada  
Todas guardam memórias que parecem imortais  
Ninguém é Julieta, ninguém é Romeu.

44.

Sucesso, certeza, conforto,  
Sucesso, nossas pequenos desejos satisfeitos.  
Nós, os homens brancos, matamos para que sejamos respeitados,  
matamos para esconder nossas angústias,  
para que ninguém saiba que temos medo,

que temos medo de sermos mal tratados,  
e de ter que sentir dor.

Nós matamos, nós mentimos motivos,  
nós escondemos tudo o que nos importa:  
jamais dizemos que foi o orgulho,  
que foi a inveja e que foi a vergonha  
que nos fizeram enraivecidos, incontrolados,  
furiosos e capazes de matar.

Matamos, despedaçamos tudo que não entendemos,  
matamos tudo o que não nos aceita,  
matamos quem parece fraco e mostra medo,  
matamos búfalos que não correm para se esconder,  
matamos os povos distantes porque mortos  
eles já não fazem barulho.

Eu fui ensinado a ser um homem, branco, rico.  
Fui ensinado a não ter que cuidar de ninguém,  
a não ver o valor das pessoas e apenas o valor dos meus desejos.  
Tão profundamente humilhante  
me ensinaram que era quando minhas vontades,  
mesmo pequenas, não eram satisfeitas.  
Era humilhação para deprimir, para desconsolar;  
e as pobres, as negras, as outras,  
tinham que estar atentas para evitar este desastre imenso  
que era a minha humilhação. Elas podiam  
encontrar os seus meios para sobreviverem  
aos meus desejos—eu, eu tinha apenas que desejar.  
Eu tinha que fazer meus desejos falarem mais alto,  
mais alto que todas as cabeças. Elas, tinham que sobreviver.  
Meus desejos não eram só desejos de matar;  
mas eram soberanos, eram a última palavra.  
Eu aprendia que merecia, apenas por ser branco e rico,  
sucesso e conforto, meus pequenos desejos satisfeitos.

Tento me ocupar de arrancar este homem branco rico  
de dentro da minha medula.  
Ele ocupou minhas artérias, minha indignação,  
meus sustos e o espaço em branco entre meus pensamentos.

De dentro de mim ele grita que eu minta,  
que eu faça minhas vontades quase todas, sem cuidado,  
sem esperar muito, que eu tenha mais certezas do que todos.  
É uma voz que manda espancar, que manda matar,  
é uma voz firme, e promete que com motivos inventados,  
armas invisíveis, cercas muito altas e orgulho,  
meus dedos algum dia vão parar de tremer.  
Meus dedos não param nunca de tremer.  
Quero arrancar este homem de mim, que é um estranho  
que dominou os movimentos da minha cara  
e tento falar mais alto que ele  
tento gritar que não quero mais ter orgulho de esmagar,  
não quero mais ter orgulho de poder ter  
o que só alguns poucos homens podem ter.  
Tento gritar que eu preciso de todo o mundo.  
Mas quando grito assim, já esmago,  
já ele está em minha garganta,  
já sinto com os medos dele  
e com ele eu já escondo o que importa,  
já me orgulho de assustar.  
Ele ocupa minha voz e eu tenho que gritar sem voz.  
Peço para que ele saia, já sem voz,  
peço a ele devagar, sem movimento bruscos,  
que saia, que saia de todos,  
que volte para os livros de história injusta;  
teimo que ele saia de dentro de si mesmo  
e deixe que deixemos os búfalos, tão diferentes,  
correrem em paz.  
Ele escuta, escuta calado.

45.

*Como acabamos assim?*

(como permitimos 19 de março de 2003?)

Noite escura, lojas abandonadas de alcólatras,



um homem discute e está pronto para espancar uma mulher:  
ela sofre de vergonha, ela sofre de desespero,  
ele tem desespero também, odeia a humilhação  
mais do que ama seu corpo. Um ato de terrorismo.

Como acabamos assim? Como acabamos reconhecendo  
de longe

quem tem mãos para bater, quem tem ombros para consolar?  
Já não podemos confiar em nenhum amor: tudo pode ser tortura.  
(Enchemos nossa boca de verdades  
que são apenas teimosias nos nossos rótulos para as coisas -  
que as coisas não são nada, colcheias sem ouvidos,  
mas cimentamos as espancadas e os donos da casa  
e tudo fica firme dentro destas palavras-trincheiras.  
Como acabamos assim?)

O homem exhibe que é fraco quando a mulher é amparada,  
também ele exhibe o carro, a casa e seu bom senso compartilhado.  
Todas as suas propriedades estão à disposição  
para defender seu orgulho pequeno enorme.  
A mulher não tem para onde ir: sua casa é seu trabalho,  
é sua câmara de gás, é o quarto onde fica a cama dele;  
apenas o seu corpo está a disposição dela,  
quando ele não a arrasta, não a espanca, não a estupra.  
Quando ela chora, também as lágrimas são provocação  
quando ele chora, também as lágrimas são intimidação  
- ele tem orgulho de suas lágrimas, quer cobrar por elas.  
Os sentimentos ficam escondidos atrás de toda esta cortina,  
cortina de fumaça lacrimogênia - ele ataca e põe ela a se defender  
e é melhor que se defenda:  
muitos terrorismos em um só dia.

Como acabamos assim? Mais adiante tropas com armas  
arrasam um país sem defesa; quem inventou a guerra preventiva?  
Não foram os homens, nas suas camas, amedrontados,  
odiando o medo e com medo de algum dia ficarem  
com medo (e com medo de que enxerguem seu medo)?  
A guerra preventiva está nesta rua. Ele a tortura antes que ela

faça alguma coisa que possa merecer - ele diz ter certeza que ela possui armas de destruição em massa (escondidas em sua bolsa?, escondidas entre seus peitos?).

O homem termina por chorar na cama ao lado dela.

Ela não pode correr, ela é o Iraque invadido, ocupado, dilacerado que tem que fingir que ainda quer produzir petróleo e torcer para que façam com ele mais do que tanques.

A noite então segue escura, a rua fica aos alcólatras, e mais um dia e mais um dia, espanca. O homem não para de beber e de acusar. A mulher se conforma. A vida passa.

#### **46. Sombrancelhas ao alto**

Atormento, queria muita gente grande para brincar nas águas toda manhã, nenhuma olhando para cima, nenhuma olhando para baixo. Tenho capitalistas.

Atormento, queria poder esquecer todos os nomes e pensar para contemplar, repartir e deixar os olhos

sem rumo seguir as borboletas. Tenho armas de fogo.  
Atormento, queria dançar com muitos povos, comer  
e roncar perto de qualquer boca, dar presentes,  
inventar refrões, esquecer o troco. Tenho chefes de família.  
Atormento, queria tocar as curvas das idéias, olhar as dobras  
que os olhos fazem e notam alguma coisa para além  
do que viram, e deslumbram. Tenho pornografia.  
Atormento, queria ouvir todas as vozes em línguas soltas  
que às vezes entendo, às vezes fabrico, pintar todas as cores  
de cores de outras cores. Tenho governos de estado.  
Atormento, queria desejar tudo o que me interessa,  
interessar tudo o que desejo, queria ter crenças fininhas  
que me fizessem voar sem vento. Tenho arcebispos e cardeais.  
Atormento, queria imaginar uma estória, emendada em muitas  
histórias, recheada de verdades sobre outras verdades  
e sem nunca encontrar uma finalidade. Tenho anúncios comerciais.  
Atormento, queria dormir quando não houvesse trabalho,  
trabalhar quando não houvesse fome, assustar se uma concha  
arranha a areia arrastada pelo mar. Tenho fundos de pensão.  
Atormento, queria espiar como vivem todas as pessoas,  
imitá-las, e pedir que elas me expliquem o que elas entenderam,  
começar conversas, não concluir nada. Tenho propriedade privada.  
Atormento, queria não ter pudores, não precisar falar de escrúpulos,  
não ter muito medo e nem precisar ter coragem, esperar,  
ouvir e deixar ouvir. Tenho mercado de trabalho.  
Atormento, queria comer da fruta de todas as árvores  
inventar a cada dia algumas profissões, confiar em tudo,  
que nada pode dar muito errado. Tenho guerra preventiva.  
Atormento, queria ficar ao léu tecendo pano, cozinhando tomates,  
nunca ter que fingir, estar sempre criando personagens  
quase implausíveis. Tenho noivos e noivas.  
Atormento, queria não ter que me apoiar em demonstrações,  
provar apenas o que faz virar os olhos, amar o que não quero,  
abraçar o que não conheço. Tenho grades na janela.

## **Culpo Lula**

### **Primeira parte: Outra classe no poder**

## ***No dia da posse de Lula***

Sobe no parlatório  
um presidente que veio  
do time dos que passaram a infância sem presentes.

Que veio do time dos que ou trabalham  
ou passam fome.

Do time dos que aprendem a servir,  
a andar de cabeça baixa,  
a se colocar a disposição dos outros,  
antes de aprenderem que o mundo fica numa bola toda azul,  
antes de aprenderem que ninguém tem muito mais do que algumas  
expectativas,  
antes de aprenderem que quem espera para ser servido esteve sempre  
esperando para ser servido.  
Ele veio do time dos que aprendem a se equilibrar entre as hierarquias  
quando ainda engatinhavam.

Lula, o outro time, faça diferença.  
Ponha em cada um dos altos andares destes ministérios cor-de-farda,  
olhos de uma caixa de supermercado com filhos sem emprego,  
olhos de irmãs de engraxates às voltas com as garrafas de um pai,  
olhos de uma vendedora de balas em uma parada de ônibus vazia,  
olhos de uma trabalhadora sem terra, sem comida e com filhos  
e bocas e mãos de quem não precisa deixar as coisas como estão.  
Mande estes ministérios para fora deste gramado fértil de ordem pela ordem,  
mande eles para as periferias das cidades brasileiras em caos  
- onde não há grama, não há certezas; só poeira e necessidades.  
Confie em ministros que sabem da poeira, que não veneram o que já foi  
feito.  
Não deixe que eles criem empregos em que não conseguiriam trabalhar,  
não deixe que eles espalhem carros ao invés de pensar de ônibus,  
não deixe que eles imaginem ruas sem imaginar de onde vem o ar.  
Tire das torneiras do mercado os canos que promovem mais vida,  
tire das garras do mercado os leitões para quem adocece  
- não deixe que ninguém tenha que pagar para sobreviver -

tire das cercas do mercado as chances de dar nexos às coisas.

Lula, pense no dinheiro com o bolso de quem não pode desperdiçar,  
pense nos corredores com os pés de quem precisa de um papel com timbre,  
pense nas autoridades com o salário de quem precisa de detalhes.  
Não faça com petróleo se puder fazer com água,  
não faça com campos de trigo e soja se puder fazer com horta,  
não faça com crescimento se puder fazer com distribuição,  
não faça com condições impostas se puder fazer com condições bem-dispostas,  
não faça com tortura se puder fazer com conforto.

Acabe com as torturas nas prisões, acabe com as prisões.  
A tortura nos faz odiar a espécie  
e se odiamos a espécie, não queremos nada para ninguém.  
Não tolere que os miseráveis sejam famintos,  
que os que abandonaram tudo sejam famintos,  
que os que nunca tiveram nada sejam famintos.  
Não tolere que ninguém se venda.  
Não tolere que ninguém deseje um tênis mais do que deseje a felicidade.  
Não tolere que quem foi deixado de lado pela história contada,  
vire suporte de bastidor para as luzes do mundo global.  
Quem ficou a margem da história contada, você sabe,  
pela rampa, pelo arma ou pela paciência  
algum dia desponta.

### **Segunda parte: A falta que uma classe faz** ***Meses depois da posse de Lula***

Lula subiu no parlatório.  
Depois subiu escadas pomposas, aviões reservados a poucos, elevadores exclusivos.  
Subiu nas alturas onde se fala mais do que se escuta.  
Subiu nas alturas onde poucas vozes tem eco.  
Mas Lula subiu sozinho.

Tento ajeitar meu coração para que ele continue batendo.  
Lula subiu sozinho.

Lula preferiu fazer como os outros;  
agora que o deixaram fazer.  
Preferiu ser quem tem o poder a ter poder.  
Preferiu depois de ter que servir e esperar,  
fazer com que quem serviu servisse mais,  
fazer com que quem esperou esperasse mais.  
Minha esperança ele abateu com esperas,  
e preferiu que fosse ele servido.

Tento agasalhar meu cérebro para que ele continue pensando.  
Lula subiu sozinho.

Deixou aqui em baixo minha espera pelos gestos diferentes.  
Aqui em baixo entre as patas em galope de cinismo,  
aqui em baixo entre as patas em galope de conformismo,  
aqui em baixo entre as patas em galope de complacência.  
Só nos resta tratar a vida como ela está,  
não adianta pensar, não adianta deixar o coração batendo:  
Lula subiu sozinho.

Tento massagear meu pulmão para que ele continue respirando.  
Lula subiu sozinho.

Lula preferiu servir os que sempre apenas esperaram ser servidos,  
ao invés de servir os que esperavam servindo.  
Preferiu cumprir as promessas aos bancos  
em vez das promessas aos que não comem,  
aos que não tem terra, aos que se aposentaram.  
Preferiu não cumprir as promessas a quem não morde.  
Preferiu deixar o governo firme nos prédios e nas rédeas  
onde ele sempre esteve, em vez de distribuí-lo.  
Preferiu encher os ouvidos, em vez de encher as bocas.  
Preferiu encher nossas cabeças, nossos ministérios,  
nossas hortas e nosso futuro de monoculturas.  
Preferiu seguir a cartilha dos que sabem  
como fazer as coisas darem errado para quase todo mundo.

Tento refrescar os pés para que eles continuem andando.  
Lula subiu sozinho.

Em nove meses, fabricam-se pés, pulmões, cérebro, coração.  
Em nove meses, Lula preferiu fabricar mais ordem, mais lucro,  
mais miséria, mais dissimulação. Preferiu mais do mesmo.  
Em vez de dar lucro às que lavam roupa, preferiu dar lucro aos bancos.  
Em vez de pagar juros para quem cria filhos, preferiu pagar juros aos  
bancos.  
Em vez de dar garantias a quem se vende, preferiu dar garantias a quem  
vende dinheiro.  
Em vez de distribuir terras para quem se alimenta, preferiu distribuir os frutos  
da terra aos bancos.  
São sempre os mesmos juros, os mesmos lucros,  
as mesmas multidões que podem ser postas para esperar  
mesmo quando já não podem ter nenhuma esperança.

Tento limpar os olhos para que eles possam continuar chorando.  
Lula subiu sozinho.

Culpo Lula.  
Culpo Lula por este desconforto enorme que sinto na ponta do meu futuro.  
Culpo Lula por estes pensamentos em branco e preto que é tudo o que eu  
consigo pensar.  
Culpo Lula por preferir a história contada aos que esperam muito.  
Culpo Lula por um ar de ombros encolhidos que vejo por toda parte.  
Culpo Lula por ficar mais fácil ser mais uma pessoa que acotovela multidões  
para poder passar.  
Culpo Lula por minhas lágrimas parecerem cada dia mais implausíveis.  
Culpo Lula por meu cérebro ter ficado tosco e acanhado.  
Culpo Lula por fazer uma hipoteca de nossas possibilidades por alguns anos  
de glória.  
Culpo Lula. Outra classe virá.

#### **48. Ela flutua**

Estou sentado em frente à minha janela,  
do outro lado da janela, o mundo posto do lado de fora

galhos de árvores misturadas,  
folhas por toda parte.

O sol reflete em tudo, a tarde escapa sem ser notada  
mas uma estrela prateada flutua entre os galhos cobertos de folhas  
cheia de ar, e prateada como os sonhos e as máquinas,  
ela flutua, e eu estou sentado em frente à minha janela.

A estrela prateada que flutua entre os galhos pede que eu pare  
pare de prender o ímpeto, de hesitar, de contar meus favos  
de pensamento e corra brincar.

A estrela prateada é o alçapão para tudo o que não remói,  
uma estrela de esquecimento em galhos frondosos de memória,  
entre raízes de remorsos, ela flutua.

Quero que esta estrela abra portas para uma galáxia prateada  
que seja feita só dos planetas possíveis.

Passaram meses, foi-se o verão, voltou o verão.

Ficou a estrela prateada emaranhada entre os galhos  
depois dos vidros da janela

as folhas verdes caíram, as folhas verdes brotaram  
e ficou a estrela, apenas mais murcha, apenas sem forma  
flutuando presa entre os galhos mais cheios de memórias.

Chove todos os dias. Hesito entre a estrela prateada  
e meus favos contados.

## 49. Uma xícara dentro da manhã

Em uma xícara dentro da manhã

Repousam os olhos, cansados de sonhos.

É uma torneada manhã, esculpida no tempo o mais calmo,  
aquele que passa com a respiração presa.

O largo sol, solto na manhã como a xícara de chá  
caminha pela gentileza do céu.

Agora a imensidade do sol, da xícara, do tempo,  
escapam alheios a tanta solenidade.